

02-08-2023

Relato de um mergulho nada solitário no médio Tocantins - Maranhão

Rosivaldo Almeida

[Professor Universidade Estadual de Goiás]



"Viajar sozinho é perigoso, mas profundo", disse meu orientador Eguimar Felício Chaveiro quando anunciei a hora da partida. Quase pensei em desistir, mas tinha somente duas escolhas a fazer: desistir pelo perigo ou seguir no mergulho pela profundidade. Como mergulhar de cabeça tornou-se hábito de vida e ser chamado de mergulho pelo Eg não é nenhum problema para mim, decidi ir profundo e correr todos os riscos da viagem e do mergulho "solitário". Aliás, já estava embarcado dentro do Gabriela em Goiânia-GO rumo à casa do Bira em Nazaré -TO. Viajar sozinho foi, de fato, uma das melhores coisas que fiz. Mergulhei profundo nas águas quentes e cristalinas

do Rio Tocantins e mais profundo em mim mesmo. Refleti, chorei e sorri muito. Mergulhei nas histórias de pessoas simples, nas águas azuis de Carolina/Riachão - TO, mergulhei no suco de bacuri, no doce de buriti, na panelada, no chambari, nas belas paisagens, nos olhares, no pôr do sol e fui profundo demais em tudo.

Destaco que fui muito bem acolhido em Nazaré pelo Bira e familiares, especialmente pelas pessoas camponesas e trabalhadoras do Bico do Papagaio. Muita gratidão! Conheci muita gente massa, com suas histórias de mergulho nas rodoviárias, dentro dos ônibus, nas travessias de barco, na festa da vaquejada e no piseiro do vaqueiro, rs.

Conheci até o Padre de Nazaré, o primogênito primeiro do mais velho curandeiro. E foi muito intenso tudo que vivi e os mergulhos que dei.

Conheci profundo as pessoas e mais profundo a mim mesmo. A Bíblia revela que somos como um vapor de água que aparece por um pouco e logo se dissipa.

E SOMOS mesmo! Somos humus/humanos, anthropos/humanos e na nossa humanidade descobrimos que precisamos melhorar o tempo todo.

Ser melhor e não o melhor no mergulho. O importante é chegar e mergulhar e não chegar e mergulhar em primeiro, especialmente quando se trata de um mundo cheio de mergulhões. A questão é que somos cheios de defeitos e qualidades, inacabados, incompletos, atravessados por coisas muito ruins que escapam do nosso controle individual e mais do que isso... Muita coisa que não processamos bem porque está submersa, mergulhada em nosso inconsciente. Mas, de todo modo,

SOMOS Gente e queremos ser felizes... Mas felicidade não está nem no início e nem no final do nosso mergulho, a felicidade está no mergulho em si.

Mas CUIDADO com o mergulho. Se ele for profundo demais você não consegue retornar para a atmosfera, respirar e viver.

Você morre, é matado, ou deixado para morrer à própria sorte pelo Estado, pelas estruturas de poder no nível macro ou pela micropolítica fascista das relações interpessoais. Não podemos nos esquecer que a natureza mesma do ser humano é má e, na mesma velocidade, boa. Isso significa dizer que a depender da capacidade de pensar, decidir, agir, ser e estar no mundo pode se orientar a partir do Ethos ou da malandragem e violência, tão contida no mergulho dos

brasileiros. Aliás os brasileiros são tão violentos que geralmente mergulham somente para pegar suas presas. No/O Brasil se mata, se morre, se deixa morrer e, também mata. Um vacilo no mergulho profundo e você deixa de existir. Ouvei a história de uma jovem trabalhadora em

Imperatriz, no momento do jantar, que me chocou e me fez chorar muito. Choramos juntos. Perdeu o pai, de 46 anos, por um vacilo não acidental. Roubaram o celular dele. Em seguida ele saiu procurando o agressor e o encontrou em um bar. Ele foi reivindicar o bem e levou uma capacetada na cabeça. Ao tentar correr para o carro foi atropelado por um caminhão azul e morreu. Saiu em noticiário, no portal do G1, a trágica história do mecânico Leomar Pereira Bezerra.

Descobri que ao ir para o Bico do Papagaio, no ano passado,

meu carro estragou em Gurupi. Esse mecânico foi quem arrumou o defeito para seguirmos a viagem de férias.

As histórias se cruzaram e choramos. Que mergulho mais doido. Também assassinaram meu pai quando tinha um ano e três meses de idade. Agora pensa, por besteira. Depois de furar uma cisterna bebeu duas cervejas, brigou no bar e a polícia foi em casa e o executou. O Brasil é muito violento. Foi nesse momento que minha mãezinha, minha irmã e eu sofremos a violência do desamparo tão discutido na

teoria da Dani Davidson. Família, Estado, sociedade, igreja, movimentos sociais dentre outros. Talvez tenha chorado não só pelo entrelaçamento das histórias, mas porque trago cicatrizes no corpo, na alma e no espírito das inúmeras situações através das quais entrei em colapso ou situações de conflito internos seguidas de mergulhos não bem planejados. Penso que tenha algum tipo de relação com a estrutura cerebral ou com os traumas causados pelas múltiplas formas de

violência sofrida na infância e adolescência. Briguei muito na escola, bati a moto, fui capotado no carro e por causa de muitos mergulhos e bagulhos errados sofri todo tipo de desamparo que possam imaginar. Aliás todo mundo precisa de afeto, cuidado e amor, senão a morte é fatal.

Mas não podemos nos esquecer que somos seres históricos, nem sempre somos bons e belos como gostaríamos de ser. Kalhós/Agathós.

Parafrazeando Marx afirmo que os homens fazem o mergulho na sua própria história, mas não o fazem como querem, fazem-no a partir de determinadas condições e de condições determinadas. Algumas determinações são estruturais, outras conjunturais, mas jamais podemos esquecer do mergulho profundo no nosso inconsciente. Talvez a descoberta desse mergulho por Freud tenha sido mais importante do que a descoberta de Galileu Galilei de que o sol não gira em torno da terra. Verdade é que mergulhos são mergulhos... feios, bonitos, alguns com finais felizes iguais aos filmes de Hollywood, mas, no geral, aprendemos com os historiadores que mergulharam profundo que a história é perversa e marcada por tragédias, avanços e retrocessos, dinâmica que possui um mergulho dialético. Talvez tenha citado histórias trágicas, de mortes depois de mergulhos mal colocados, apenas para me ver livre delas, como um paciente em análise pelo seu psicanalista. Mas voltando para as histórias boas da viagem...

Ontem foi aniversário de Imperatriz do Maranhão. Fez 171 anos de mergulho. Só descobri isso porque indo de Carolina para devolver o carro alugado na Localiza, ouvi do locutor do Programa Amado Batista, da Rádio Nativa - FM.

Confesso que fiquei impressionado com o amor dos cidadãos imperatrizenses pelo cantor goiano.

Do contrário estou apaixonado, com o coração fervilhando...

Apaixonado por Carolina;

Apaixonado por Nazaré;

Apaixonado pelos

trabalhadores(as) do Bico;

Apaixonado por Tocantinópolis;

Apaixonado pelo mergulho profundo;

Apaixonado pelo mergulho da vida.

Talvez o mergulho não tenha que ser tão profundo, penso. Pois temos que calcular bem nossas condições para o retorno.

Equilíbrio Sancho, Equilíbrio Dom Quixote e "Comedimento é o exercício do

autoconhecimento" já dizia meu amigo e professor Ildeu de Moreira Coelho. Nem se fala de Aristóteles, ele nos xingaria rs...

Clarice Lispector tem uma frase linda, que a lia todas as vezes no banheiro na

Faculdade de Educação da UFG e pode ser usada nos mergulhos da vida...

"Comece devagar, porque é melhor a direção do que a velocidade"

São 02h24min do dia 17 de Julho de 2023.

Retornando para Goiás, ao chulé do Satélite, mergulhado nos pensamentos e nos sentimentos. Beijo no coração.

Rosivaldo Pereira de Almeida

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.